

UMA CARTA PARA EGLÊ...

FRANCH, Eglê. A Redação na Escola. São Paulo : Martins Fontes, 1984

Marcos Moraes Valença

Incrível! no intervalo entre uma aula e outra, sentado num banco da escola na qual ensino, descubro que passo (e passei) por situações bastante próximas da sua experiência, Eglê. De imediato, pergunto-me: como, se a minha realidade é bem diferente da sua? Pois, ensino numa escola pública-federal, a uma clientela de adolescentes, em sua maioria, oriundos da classe média... Enquanto você ensinava comunicação e expressão, eu estou ensinando 'organização e normas', uma disciplina dividida em duas, a qual tem a finalidade de dar uma análise e compreensão das organizações e orientar o aluno para o mundo do trabalho, constando em todos os cursos oferecidos pela escola.

Fazendo uma rápida retrospectiva da minha experiência com os meus alunos, lembro-me bem do primeiro dia de aula de uma das sete turmas que possuo, atualmente: os alunos não esperavam nada da disciplina, pois haviam tido uma experiência negativa com o professor anterior, que "...jogava o assunto no quadro, colocava organogramas e organogramas, querendo que fôssemos gerentes!", como eles, alunos, disseram. Hoje, já tenho um grande retorno, após três meses de convívio: "Professor, aprendi mais nessa primeira unidade, que em todo o semestre anterior..." Eglê, vou reproduzir para você, alguns trechos das auto-avaliações de meus alunos:

"Confeço (sic) que no começo do período, em relação a esta disciplina eu estava decidida a não participar de maneira integral, mas fazendo agora esta auto-avaliação eu me surpreendo em perceber que foi a matéria do curso, no período, em que mais participei e conseqüentemente aprendi, de maneira muito objetiva e tranqüila".

"Vale salientar que é a primeira vez na escola que por livre e espontânea vontade exponho minhas idéias sobre determinado assunto".

"Acho que isso é que é participar: lembrar o que foi dito e aplicar os conceitos no dia-a-dia".

Não apenas nas auto-avaliações eu recebo feedback, mas na seriedade demonstrada nos seminários feito por eles, nos debates realizados na sala de aula, nas dissertações, além dos momentos espontâneos de elogios e críticas.

Posso estar enganado, mas sinto que o meu trabalho não está limitado a sala de aula, como o seu também. Que vivências parecidas, Eglê! Já houve dias em que também pensei em desistir! Pois é, Eglê, não só as crianças, mas os adolescentes esperam bastante de nós, professores. Desde o início, senti que os meus alunos estavam acostumados com professores de uma única postura, àqueles que já trazem a verdade pronta, única, 'divina', que apenas falam, não ouvem, não se incomodam com a realidade e necessidade dos alunos... Diferentes de você, Eglê, que fez um trabalho de respeito, por respeitar o estilo de vida, a cultura, o dialeto próprio dos seus alunos, apresentando, gradativamente o dialeto culto. Diferentes de mim, também, que tentei e tento a todo momento respeitar a experiência de vida e a necessidade deles com a finalidade da disciplina, buscando utilizar, sempre, uma linguagem acessível.

Neste final de mês, estou iniciando a segunda unidade e já observo que os meus alunos sentem confiança em mim e neles também. Lembro dos comentários que os colegas-professores fazem dos alunos do curso X: "Esses alunos são uma barra!" Trata-se de um curso, constituído mais por rapazes, que apenas dão importância a disciplinas diretamente relacionadas ao curso. Uma de minhas turmas é desse curso. No início, como me incomodava com eles! Enfrentava verdadeiros dragões! Será que acreditei no esteriótipo? Hoje, estou tranqüilo, é uma turma barulhenta que não faz mais tanto barulho... Na verdade, cada turma é uma turma com a sua particularidade...

Eglê, sinto que o seu trabalho não foi tão simples. Você não se limitou a ensinar os alunos a ler e escrever, mas a se conhecerem, a se valorizarem, a se respeitarem, a compreenderem o mundo, a sociedade, o indivíduo que está inserido nessa sociedade e a relação dele com os outros. Você confiou neles, Eglê, desde o primeiro minuto. Acho que devemos agir assim, confiando neles, confiando em seu potencial, confiando em seus atos e palavras. Depois, tudo fica mais fácil... Fácil? Como você bem disse, "a prática pedagógica supõe continuidade e constância", daí ser permitido que nós, professores, erremos,

pois com os erros podemos aprender e melhorar cada vez mais. Não fique angustiada por achar que algumas técnicas utilizadas por você tenham limitado a criatividade dos seus alunos. Quem sabe não fazia parte do processo?

Avalio o seu trabalho como um verdadeiro processo de transformação e crescimento, descobertas.

Por que toda escola traz uma estrutura rígida, não flexível e, como você disse, é "disciplinadora, castradora, repressiva, punitiva e seletiva? Isso me faz lembrar as palavras de um aluno meu: "Essas aulas são como um 'relax' para compensar as aulas técnicas desgastantes e enfadonhas que temos aqui".

Com toda certeza, Eglê, roubando as suas palavras, "o problema daqueles alunos (e de quantos outros!)/INCLUI OS MEUS/certamente não se resolve simplesmente com a busca de novas técnicas ou metodologias, mas com uma profunda modificação nas atitudes".

Eglê, você não imagina como eu fico feliz com os trabalhos feitos por meus alunos! A criação, a seriedade, a organização, o conteúdo, o interesse deles... É vibrante, não? Imagino como você se sentiu com a experiência que você fez. Sinto, Eglê, que estou num processo de "desingasar" os adolescentes. Às vezes tenho a impressão que os meus alunos precisam mais que os seus da experiência.

Fazendo esta carta, descobri que também ensino comunicação e expressão, pois percebo que na medida que ajudamos a nossos alunos descobrirem a si próprios, valorizando-os e fazendo com que dêem valor a sua própria linguagem, não interessa a disciplina a qual ministramos... Lembro-me das palavras de minha tia, professora aposentada, que certo dia me falou, quando discutíamos sobre educação: "Meu filho, não importa o que você vai ensinar, mas sim, o trabalho que você vai fazer com os seus alunos..."

Eglê, gostaria de finalizar, parabenizando-a pelo sério e profundo trabalho que você realizou. Que bom que ele foi transformado em livro! Deu condições para que eu e vários colegas da faculdade refletíssemos sobre a nossa prática pedagógica. Você me deu muita força, inclusive ao mostrar que também é frágil...

Um grande abraço e os meus sinceros agradecimentos,